

VISITE-NOS

6376-AMI



Mar Alto
IMOBILIÁRIA

TAVIRA
telf.: 281 320 450
Rua Gonçalo Velho, 16 e 18

O MAIOR JORNAL DO ALGARVE

postal

do Algarve

HPZ
RICOH
REPRESENTANTE OFICIAL
PARA O ALGARVE

www.hpz.pt

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO
FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE02672007MPC



Director: Henrique Dias Freire • Ano XX • Nº 876 • Semanário • Quinta-feira, 21 de Fevereiro de 2008 • Preço: 1 €



TERESA DE NORONHA EM ENTREVISTA:

**Vejo a futura evolução
do Algarve
com optimismo**

págs. 36 e 37



ESPECIALISTAS TRAÇAM O FUTURO

**Falámos com Carlos Vieira,
o mentor do VI Seminário
Internacional**

pág. 7

CONTRARIANDO TENDÊNCIA NEGATIVA DE QUASE TODA A REGIÃO

Hotéis de Vila Real receberam mais turistas

pág. 16

FOTO: LUÍS FORRA



ACUSADA DE VIOLAR SEGREDO DE JUSTIÇA

**Ministério Público pede absolvição
de inspectora da PJ de Faro**

pág. 3

**FUTEBOLISTA HUGO LUZ VAI ASSINAR
PELO FC VASLUI DA ROMÉNIA**

**Acordo vai render mais
de 50 mil euros ao Olhanense**

pág. 8

**EX-COMISSÁRIO EUROPEU
ANTÓNIO VITORINO DEFENDE:**

**Regionalização é mais-valia
no contexto europeu**

pág. 9

NA ABERTURA DA ÉPOCA DESPORTIVA

**Centro de Ciclismo de Loulé
sem patrocinador principal**

pág. 22

CÃES PERIGOSOS

**Menina de 20 meses atacada
por rottweiler**

pág. 24

**PORTIMÃO GLOBAL OCEAN RACE
APRESENTADA AO PÚBLICO**

**Volta ao Mundo com partida
e chegada em Portimão**

pág. 25

**CÂMARA DE ALBUFEIRA
INICIOU INSTALAÇÃO**

**Teleassistência domiciliária
para idosos**

pág. 27

SILVES

**Falta de verbas para recuperar Sé
põe em risco os visitantes**

Pág. 31

CA
Crédito Agrícola

**Oferta
Nova Geração**

>> Veja anúncio na pág. 3



Quinta do Marco
Hotel Rural

HOTEL – RESTAURANTE
Venha visitar-nos... vale a pena

www.hotelquintadomarco.com
geral@hotelquintadomarco.com
Tel / Fax : 281 971 060

Hotel Rural Quinta do Marco
Estrada de Tavira para Sta. Catarina
Marco – C.P. 632-A - 8800-164 Tavira



TERESA DE NORONHA VAZ, COORDENADORA DO CIEO (CENTRO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE O ESPAÇO E AS ORGANIZAÇÕES) DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Somos dos povos que mais trabalham e menos ganham

Teresa de Noronha Vaz, professora agregada da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, é coordenadora do CIEO – Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações. Esta investigadora mostra-se optimista em relação à região algarvia, uma das regiões europeias onde, no futuro, melhor se poderá usufruir de uma boa qualidade de vida. Condição fundamental: um desenvolvimento sustentável só possível com lideranças regionais capazes de cooperar para implementar as melhores soluções e populações conscientes das suas responsabilidades sociais. Do seu *Curriculum vitae* ressalta um percurso internacional que lhe permite olhar o Algarve de uma perspectiva exterior. Esta investigadora iniciou a sua actividade científica com pouco mais de 20 anos, na Universidade de Göttingen, cidade de Gauss – o estudioso, dos irmãos Grimm – os contadores de histórias e de Bismarck – o político, refere. Nesta cidade viveu, estudou e trabalhou durante 14 anos. Desde o seu regresso a Portugal, em 1991, esta docente universitária também leccionou e investigou em várias universidades europeias, entre as

quais se destacam a Sorbonne, em Paris, a Universidade de Gent, na Bélgica, de Oriel, na Rússia, e a Universidade de Bolonha, que visita anualmente no âmbito de um programa de cooperação. Ao falar-nos do futuro da região, defende desde há muito uma estratégia diversificada para a economia do Algarve sem desprezar, contudo, o papel motor do turismo. **Teresa de Noronha**, que investiga na área de Economia da Inovação e do Conhecimento, sugere que o turismo, muito para além de ser uma fonte de receitas, deva ser visto como um instrumento de atracção cultural e de conhecimentos para a região. É fundamental beneficiar do multi-culturalismo que o turismo faculty, mantendo toda a identidade do Algarve e sabendo proteger o bem essencial de que dispomos: o nosso, ímpar, ambiente natural. Ordenamento do território, abertura das actividades sociais ao segmento turístico e uma maior mobilidade no espaço regional são para esta investigadora alguns dos determinantes fundamentais para um Algarve competitivo e sustentável.

problemas existentes. Saliente-se que este centro não é, nem de perto nem de longe, o único que emerge frente às necessidades de organização do conhecimento, ao nível da nossa região.

Uma referência muito especial para todos os centros de investigação da Universidade do Algarve, cuja tarefa não é só a de criar conhecimento, mas também a de ligar as competências dos investigadores da nossa Universidade com as dos investigadores de tantas outras universidades espalhadas pelo mundo. A Universidade do Algarve tem uma extensa rede de parcerias internacionais e nacionais que a abrem para as soluções científicas e tecnológicas mais actuais, permitindo aos nossos alunos desenvolver as melhores competências em muitas áreas.

O nosso grande desafio a médio prazo é o de conseguirmos ter um conjunto de investigadores capazes de conciliar os seus contributos para o desenvolvimento da região com o aperfeiçoamento de um perfil científico de reconhecido mérito internacional. Parece-nos que o nosso desempenho tenderá a crescer mais em áreas relacionadas com o ordenamento do território (ruralidade, urbanismo, sistemas de informação geográfica, gestão de riscos), com a inovação empresarial (sistemas regionais de inovação, transferência tecnológica e organização dos recursos humanos) e finalmente com a identidade e mobilidade das populações (migrações e produção tradicional).

Como é que se desenvolveu o seu percurso profissional?

Penso que a visão económico-social me foi transmitida desde pequena pelo meu pai, que tinha estudado Finanças e que terá tentado cativar-me para essa área. Sem nenhum sucesso, contudo, pois eu era mais dada às questões da Geografia. Curiosamente, ambos encontrámos na licenciatura em Economia um compromisso. Eram outras épocas, os pais conseguiam ter uma forte influência sobre as escolhas dos filhos. Depois de me licenciar no ISEG, já vivendo na Alemanha, procurei enquadrar-me numa faculdade que me possibilitasse estudos avançados na área de Economia do Ambiente. Mas não consegui, as posições disponíveis encontravam-se na área da Economia Agrária. Enveredei por essa área e nela preparei o meu doutoramento. Foi muito mais tarde, na Universidade do Algarve e já defendida a tese, que me foram dadas outras oportunidades; a pouco e pouco fui deixando o meu terreno firme da economia agrária e agro-alimentar para procurar novas áreas na economia regional e da inovação.

Mas o que eu acho que mais caracteriza o meu percurso profissional é a componente multicultural, e essa está-me no sangue: sou um resultado biológico de duas raças – a indiana e a europeia; um resultado cultural de três continentes – a África, onde cresci, a Índia, de meu pai, a Europa, de minha mãe; e um resultado educacional de quatro países: Angola, Portugal, Alemanha e França (onde tantas vezes estive e que tanto admiro). Há uma certa inquietação em mim,

uma necessidade permanente de busca de novos desafios e de novas soluções. É esse o estado que mais me tem motivado no meu trabalho e na forma como o tenho desenvolvido.

A questão do desenvolvimento do Algarve é muito particular

Qual é a leitura que faz do Algarve, ao nível da evolução e desenvolvimento, em comparação com outros países e regiões da União Europeia?

Separámos o discurso sobre o desenvolvimento para o nosso país do discurso sobre o desenvolvimento para o nosso Algarve. Certo, Portugal tem determinantes e obstáculos de crescimento que são comuns à região. Mas a questão do Algarve é muito particular. Tendo pouca população, tem uma óptima localização e um bom clima. A arqueologia do Algarve mostra ter sido esta, uma região preferida pelos povos, rica em tempos Romanos, atraindo famílias poderosas e actividades económicas importantes. O facto de ser uma região anormalmente exposta ao exterior pela atracção que provoca não é, pois, um fenómeno novo.

Saibamos aproveitar a sua localização. O aeroporto internacional pode trazer-nos não só turistas mas segundos residentes, a tempo total ou parcial, vindos de países mais avançados e que muito têm para nos ensinar. A proximidade do mar permite-nos explorar novas actividades ligadas ao lazer, ao desporto e à aprendizagem, bem como aos recursos energéticos e naturais. A vizinhança com Espanha alarga os nossos mercados de proximidade a uma grande dimensão. O clima pode ser o nosso grande custo ou então, a nossa grande oportunidade. Tudo dependendo da forma como soubermos aplicar as energias alternativas, nomeadamente a energia solar, à disposição dos consumos das famílias e das cidades.

Vejo a futura evolução do Algarve com optimismo. Mas para tal deveremos ainda conseguir manter uma identidade própria que não se esbata na intensidade de impulsos externos que por aí vêm.

Como é que essa identidade pode ser aproveitada em termos turísticos?

A identidade regional é vendida hoje em dia a preços muito elevados, a nível internacional. Há que cultivar essa identidade não de forma tradicionalista, mas tornando-a a representação histórica e cultural da região, o que requer um especial empenho em termos de estratégia para o desenvolvimento da região. Recordo-me de ter sugerido há muito tempo a necessidade da criação de um departamento de marketing dos produtos regionais (gastro-nómicos também) na RTA, com uma única estratégia concertada ao nível de todos os sectores e principalmente do hoteleiro. São os actores regionais os únicos interessados; são eles que a devem desenvolver e divulgar. Parece-me ainda que o fortalecimento da identidade regional deve fazer parte de uma estratégia de diversificação da actividade

Entrevista

Henrique Dias
com Helga Simão

POSTAL do ALGARVE – O que é que esteve na base do nascimento do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações?

TERESA DE NORONHA VAZ – O Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO), criado em Junho de 2007, resulta de uma necessidade clara que existe a nível regional de concentrar algumas competências existentes na Universidade do Algarve para dar resposta a uma nova visão sobre a problemática económico-social, particularmente quando pensada ao nível regional e local. Esta nova visão é multidisciplinar, exige uma busca de soluções para os problemas e recolhe conhecimentos em diferentes áreas científicas. As soluções que buscamos, quer sejam de natureza teórica ou prática, devem tentar conciliar diferentes perspectivas. A maior novidade deste centro

de investigação é que procura estudar uma única questão – a da sustentabilidade dos territórios e o papel das suas organizações – recorrendo ao trabalho conjunto de psicólogos, sociólogos, geógrafos, economistas, gestores, agrónomos, químicos, arquitectos e informáticos.

Que especialidades existem?

O centro contempla duas linhas que representam dois grupos de preocupações fundamentais para todos os territórios que se confrontam com a questão do desenvolvimento sustentável: uma primeira relacionada com a inovação e organização e utilização do espaço, uma segunda que se ocupa das questões relacionadas com o empreendedorismo, os recursos humanos e a gestão estratégica. Com estas duas linhas de investigação todos (e trata-se de investigadores e estudantes de doutoramento) pretendemos estudar concretamente as possibilidades de crescimento urbano e rural, as melhores

formas de gerir os recursos naturais de que dispomos, a gestão do risco face a catástrofes naturais, bem como, o papel das organizações públicas e privadas, nomeadamente empresas, em tais contextos.

Este Centro poderia ter tido, se estivesse mais amadurecido, um grande contributo quando da elaboração do Plano de Ordenamento Regional?

Podia ter sido mais um contributo, de facto. Contudo, a criação e o desenvolvimento das organizações (de que o CIEO é um exemplo) têm o seu tempo próprio. Portugal, por razões que se prendem com a sua democracia recente, ainda se confronta, em muitos casos, com falta de amadurecimento institucional. As regiões, ou até os países, passam lentamente por estádios próprios que vão criando as condições adequadas ao aparecimento das organizações. Eu acho que não é benéfico apressar a história, nem tão pouco retardá-la. O Plano de Ordenamento é um esforço muito importante,

mas muito mais importante do que um plano de ordenamento é conseguir que os agentes económicos despertem para a sua necessidade. Trata-se de um conjunto de medidas de consciencialização e de educação cívica de natureza transversal. Os decisores têm neste aspecto uma tarefa árdua e continuada pela frente. Por isso, eu diria que embora o CIEO tivesse podido contribuir positivamente para tal Plano, o seu contributo ficaria sempre muito aquém daquele que é esperado para o conjunto das instituições locais (escolas, universidades, associações e, sobretudo, empresas).

Investigadores contribuem para o desenvolvimento da região

Quais são as principais tarefas a desenvolver pelo Centro a médio prazo?

O CIEO é apenas uma manifestação simples de uma etapa que a Universidade do Algarve atingiu: a de ser capaz de dar respostas com qualidade aos



produtiva para o Algarve, que sempre defendi.

O peso do sector turístico

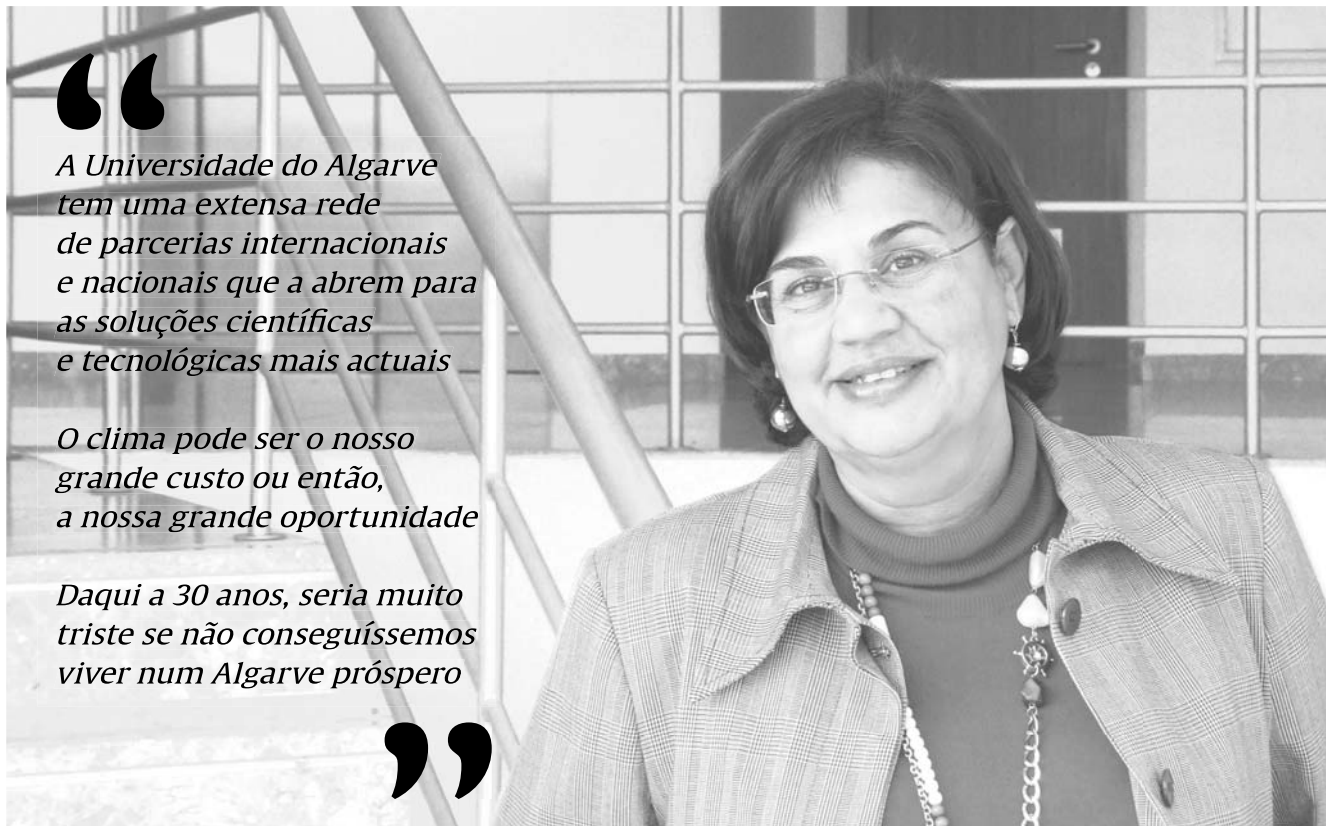
Acha então que o turismo é o motor das outras actividades económicas no Algarve?

De facto sempre centrámos a estratégia de desenvolvimento regional no sector turístico. Foi imprevidente, embora a realidade mostre que o turismo tem sido desde há muito o garante dos rendimentos regionais. Mas também foi uma restrição à criação de escolhas alternativas ou do desenvolvimento de capacidades noutros sectores de actividade. Os casos mais flagrantes são os produtos agro-alimentares e a reabilitação urbana. Estas actividades teriam trazido para a região outras competências que teriam alargado a base regional de conhecimentos. Hoje, é sabido que o desenvolvimento resulta de tal base, bem como, da capacidade de transformar em novos processos e novos produtos.

Já não há espaço para duvidar que o turismo se tornou um pilar incontornável da economia do Algarve, mas não pode ser o único; há que descobrir quais são as outras aptidões regionais; quais as áreas do saber que melhor se podem transferir para as empresas: A biotecnologia? A arte? A aquacultura? A produção de energias alternativas? Em Abril de 2001, dei ao Jornal do Algarve uma pequena entrevista alertando para um ciclo vicioso do turismo que comprometeria o sector industrial e dos serviços. Parece-me que hoje, sete anos passados, esta necessidade de diversificação é óbvia para todos.

Na altura, essas posições foram lidas como posições contra o turismo?

Não sei, talvez. Eventualmente por má interpretação. A diversificação não exclui nenhum dos sectores importantes, pelo contrário, desenvolve a complementaridade e explora as sinergias entre os sectores e entre as pessoas. Como é possível entender que uma região turística como a nossa tenha demorado tanto tempo a aperfeiçoar a sua gastronomia e tenha deixado o seu sector agro-alimentar quase desaparecer?



“

A Universidade do Algarve tem uma extensa rede de parcerias internacionais e nacionais que abrem para as soluções científicas e tecnológicas mais actuais

O clima pode ser o nosso grande custo ou então, a nossa grande oportunidade

Daqui a 30 anos, seria muito triste se não conseguíssemos viver num Algarve próspero

”

Hoje, penso que finalmente caminhamos pelo percurso certo. Por imposição ou por evidência das circunstâncias, os programas de financiamento (o actual QREN, por exemplo) já contemplam uma percepção diferente dessa necessidade de diversificação e complementaridade. Hoje, já temos políticos regionais que estão suficientemente esclarecidos e alertados para a necessidade de entrecruzar várias opções. É impossível desenvolver o turismo sem desenvolver, por exemplo, o ordenamento urbano. É impossível desenvolver as empresas sem escolher os melhores programas para as universidades. É impossível ter boas instituições públicas sem apostar na formação profissional e no mérito.

A cooperação entre os diferentes níveis

Quais são os principais cuidados a ter neste início de caminhada?

Há muitos, em tempos de globalização e competitividade das regiões e das empresas é fundamental para a melhoria da economia. Considero a cooperação entre os diferentes níveis de decisão política e os diferentes agentes económicos

como a maior exigência para o Algarve. Num período em que nós não podemos desperdiçar recursos naturais, em que todos temos de concentrar os nossos esforços financeiros, em que se espera que se organizem os recursos humanos, é fundamental e imperativo que as pessoas saibam cooperar umas com as outras. Mas também é importante definir em torno de que áreas fundamentais se deve cooperar.

Como é que se deve desenvolver essa cooperação?

Cooperar é saber encontrar decisões comuns. É ter comportamentos éticos garantidos de confiança e de compromissos. É saber escolher lideranças pelo mérito e não pela influência política. É saber encontrar argumentos convincentes pela força da razão e do conhecimento. É produzir soluções práticas para problemas difíceis.

Eu acho que a cooperação exige: confiança, competência, mérito e tolerância em qualquer situação.

A PEDAL representa um empenho conjunto

A criação da Plataforma Empresarial para o Desenvolvimento do Algarve (PEDAL) é

um dos contributos para que essa necessidade possa ser resolvida?

A PEDAL representa um empenho conjunto, é significativo mas ainda incipiente. As empresas que se associaram à Universidade do Algarve, para em conjunto trabalharem, parecem conseguir muito mais facilmente do que se esperava falar uma mesma linguagem. Em breve, darão início a programas de trabalhos conjuntos. Daqui a anos poderemos ver em retrospectiva e analisar a importância deste projecto-piloto demonstrativo. Não esqueçamos que em pouco tempo a PEDAL pode esfumar-se com a mesma facilidade com que surgiu e por isso cada avanço representa um vitória. O esforço para o desenvolvimento do Algarve tem de ser muito mais alargado e tem de ser muito mais concertado. Exige esforços que perdurem no tempo, novas rotinas comportamentais e objectivos de longo prazo. Todos gostaríamos de conhecer qual é a visão que os responsáveis regionais têm para o Algarve num horizonte de 30 a 50 anos para em função desta poderemos desenvolver as nossas escolhas.

Qual é a leitura que faz da

responsabilidade dos decisores regionais em matéria de desenvolvimento?

Nesta matéria não gostaria de ser específica. O problema que me coloca é dos tais que dizem respeito aos decisores políticos do país, em geral. Perante a transformação que se espera para a sociedade portuguesa, o melhor exemplo prático é de uma concerto sinfónico: a sua qualidade resulta da composição, do desempenho do maestro e dos músicos. Uma orquestra deve sempre escolher a composição que melhor se lhe adequa. O maestro ajuda nesse esforço e ele deve ter a melhor formação; o seu mérito será reconhecido só se fizer um excelente trabalho. Aos músicos cabe escolher os melhores instrumentos, exercitar até à exaustão e, finalmente, conseguir tocar muito bem e em consonância com a música dos seus companheiros. O mais importante neste exemplo é o papel individual de um músico só, que ao enganar-se pode estragar todo o espectáculo. E mais, mesmo que sejamos muito bons, não podemos ser todos solistas, não é?

Se bem que os decisores regionais tenham um papel muito importante de regulação, a cada um de nós cabe uma dis-

ciplina de trabalho e um papel individual muito específico. Para cada um há um direito, um dever e uma responsabilidade.

É uma crítica ao actual estado das coisas?

Não é uma crítica. Quando mais estudo mais me apercebo da complexidade dos problemas sociais, económicos e políticos e mais dificuldade tenho em ser crítica. Gosto muito de ouvir os outros quando são críticos, mas tenho dificuldade em eu própria ser crítica. A escolha das prioridades para a execução das tarefas do desenvolvimento é cada vez mais complicada num mundo aberto, global e que as novas tecnologias tornam assombrosamente veloz. Já mais fácil, é o reconhecimento da responsabilidade que cada um de nós tem no processo. E essa avaliação não tem tido lugar, tão empenhados andam os portugueses em culpar os sucessivos Governos por aquilo que não fizeram, que frequentemente se esquecem das suas próprias responsabilidades sociais: a participação, o desempenho, o entusiasmo.

E há alguma razão para essa atitude?

Reconheço, pelo quanto tenho viajado pelos países desenvolvidos da Europa, que os portugueses são dos povos que mais trabalham e menos aproveitam; são dos que mais se esforçam e menos ganham. Esta é uma boa razão que leva os portugueses a pensarem em não ter de fazer mais esforços. Porém, o que a nossa sociedade precisa não é de mais esforços, mas de melhor desempenho. Melhor desempenho resulta de um processo de aprendizagem em que aceitamos agir de uma forma mais reflectida e em conformidade com o que nos é pedido. Aceitamos ser mais disciplinados. Aceitamos que nem sempre a nossa cabeça nos traz as melhores ideias. Aceitamos que as melhores soluções sejam, por vezes, tomadas num âmbito de decisão que nos ultrapasse. Não dispondo de informação sobre tudo, cada um de nós não pode ter o melhor conjunto de soluções para os problemas. O bom desempenho resulta da disciplina de comportamentos e do entusiasmo de construir ideais partilhadas.

É urgente ter um metro de superfície e uma ligação de comboio rápida a Sevilha

O que é que o Algarve precisa para desenvolver o seu potencial?

De visão, de uma estratégia de longo prazo, de investimentos acertados, de líderes qualificados, de melhor formação de recursos humanos.

De que mais necessitaria o Algarve?

O Algarve é uma região com pouca população, que recebe muitos visitantes. Tem uma péssima rede de transportes públicos. É urgente ter um metro de superfície e uma ligação de comboio rápida a Sevilha. Só assim teremos mobilidade e

verdadeira abertura para o mercado Espanhol. É ridículo que, sem viatura própria, precisemos de quatro horas para chegar à grande cidade mais próxima.

A outra grande fragilidade da região está relacionada com os cuidados de saúde. Tenho algumas dificuldades em tecer comentários sobre esta questão, mas reconheço ser difícil lutar por melhores condições de vida das populações com uma estrutura de cuidados, como a que temos.

A nossa enorme vantagem em termos de localização é o Aeroporto de Faro que tem uma função extremamente

importante na dinâmica da região. Este aeroporto internacional procurado pelas low-cost representa também uma mais-valia para a Universidade do Algarve.

Em que termos?

Quantas universidades europeias estão a cinco minutos de um aeroporto internacional? As condições arquitectónicas e ambientais das infra-estruturas do Campus de Gambelas são apelativas para qualquer cientista e os preços baixos das viagens permitem à Universidade do Algarve destacar-se em termos nacionais pela oferta de cursos avançados e

pela realização de conferências internacionais.

Era muito importante que a Universidade do Algarve explorasse as suas potencialidades divulgando as áreas onde maior projecção internacional já tem.

Saliento a área do Ambiente e das Ciências da Vida, nomeadamente do Mar, para as quais todos devem congrega esforços e constituir um núcleo de interesse, também a nível nacional. Há que projectar este núcleo de conhecimento, que à luz das teorias do conhecimento, é talvez um dos maiores trunfos que temos para desenvolver a região.

Já que temos a componente turística como pilar económico e as Ciências do Mar e da Vida como um cluster do conhecimento, é altura de pensarmos que a nossa região deve primar pela questão do ambiente. Cuidar do ambiente significa confrontar, pelo menos os seguintes temas: ordenamento urbano, tratamento de resíduos, qualidade da água, transportes públicos, poluição empresarial e energias alternativas. O Algarve tem o benefício de, no futuro, poder quase autosustentar-se com base em energias alternativas.

Como vê o futuro do Algarve, face aos desafios?

O Algarve tem um grande potencial. Daqui a 30 anos,

seria muito triste se não conseguíssemos viver num Algarve próspero. Se o Algarve for capaz de cumprir alguns requisitos estratégicos que passam, antes de mais, pela escolha do que sabe fazer bem e pelo aprender a fazer melhor, poderá vir a consegui-lo. Terá de ter a coragem de enumerar as suas fraquezas e enfrentá-las, o que muitas vezes não acontece. Há uma mentalidade individualista que não serve para atingir os objectivos de desenvolvimento e que deve ser rapidamente corrigida. A questão do desemprego terá de ser acompanhada em permanência pelas entidades regionais e solucionada por reacções rápidas ao nível da estrutura já existente para a formação profissional.